

Ela fugia de mim, mas eu
estava louco por ela

O amor que nunca esquecerei

TIM MADIGAN

MINHA CIDADE NATAL, Crookston, é uma pequena comunidade agrícola de 8 mil habitantes. Nada de extraordinário acontece por lá. Gretchen foi uma exceção.

Para começar, era uma Eickhof, uma das famílias mais ricas de Crookston. Eles moravam numa enorme casa, de tijolos, à margem do rio, e passavam os verões em sua casa de férias a 50 quilômetros de distância.



A despeito de seus inúmeros dons, que incluíam grande beleza física, Gretchen não era nada convencida. Ela era das primeiras a fazer amizade com os garotos novos do colégio e ensinava aos que eram menos capazes do que ela. Transitava pelas várias camadas da sociedade do segundo grau – filhos de fazendeiros, machões, punks – tratando a todos com simpatia e sinceridade. Gretchen, definitivamente, era uma garota fantástica.

Só a conhecia de trocar algumas palavras nos corredores. Eu era um bom atleta e, no linguajar da época, considerado *bacana*. Mas era inseguro, especialmente junto das garotas – criaturas que eu considerava misteriosas e apavorantes.

Tudo isso pode explicar minha confusão numa noite do verão de 1977, quando Gretchen e eu nos encontramos por acaso num ponto de reunião local. Eu tinha acabado meu primeiro ano de calouro na universidade que ficava ali perto. Gretchen, cujos horizontes eram bem mais vastos, estava de volta da Califórnia, depois de seu primeiro ano na Universidade de Stanford.

Cumprimentou-me com alegria. Lembro-me do contato com sua mão quando ela me puxou para a pista de dança. Era quase tão alta quanto eu, com uma pele perfeita, cor de amêndoa, feições suaves e dentes fluorescentes de tão brancos. Os cabelos louros cor-de-mel, trançados, caíam-lhe pelos ombros. Sua blusa branca sem mangas brilhava destacando os braços que eram bronzeados da natação, equitação e canoagem.

Naquela noite vi que Gretchen não dançava bem. Mas movia-se ao som da música com entusiasmo, sorrindo, sonhadora. Depois de algumas danças, ficamos ali conversando, ou melhor gritando, por sobre o barulho da música. Quando fui acompanhá-la até o carro, a rua estava deserta e as luzes de trânsito piscavam. Fomos andando de mãos dadas. Quando chegou ao carro, pediu que eu a beijasse. Fiquei feliz por fazê-lo.

Brincadeira de verão: nunca ocupei lugar de destaque no coração de Gretchen. Ela gostava de mim, sem dúvida. Dois anos antes, conforme acabou me contando, fora meu “Anjo da Guarda” – a benfeitora anônima que tinha deixado biscoitos e bilhetes inspiradores no meu escaninho antes de meus jogos de hóquei.

Mas quanto aos garotos de Crookston, Gretchen sabia ser esquiva como mercúrio. Por mais ardorosamente que retribuísse alguns de meus beijos naquele verão e no seguinte, para ela eu era parte do interlúdio entre a infância e os esforços mais sérios da vida adulta que estava por vir.

Gretchen e eu raramente nos aventurávamos além da superfície da vida. Ela nunca falava no futuro, a respeito de nada, nem de alguma preocupação séria ou pesar. Nunca me contou da ocasião, na sexta série, quando quebrou as duas pernas esquiando e teve de ser carregada pelo pai durante meses. Gretchen teve de aprender a andar sozinha depois disso, e anos depois a família atribuía a esse acidente a base de sua paixão e independência.

Eu era louco por ela, claro, e tinha

o costume de dizer isso. Cada vez que o fazia, ela se afastava de mim. Eram verões de faculdade, não uma época para olhos sonhadores e juras de amor eterno.

Uma noite, em 1978, quando eu e Gretchen estávamos juntos, sem motivo algum ela pronunciou as palavras que os garotos na minha situação temem acima de todas.

– Tim – disse ela –, acho que deveríamos ser apenas amigos.

Eu lhe disse que estava cansado daquelas brincadeiras e que não era tão idiota quanto ela pensava. E fui embora furioso. De manhã, já me acalmara e mandei umas rosas para Gretchen, com um bilhete apresentando minhas desculpas e oferecendo minha amizade.

VOLTAMOS A SAIR juntos mais ou menos um mês depois. Mas, dessa vez, tinha aprendido minha lição. Nada de olhos sonhadores na direção dela. Eu sabia ser tão indiferente quanto qualquer um.

Aquilo deu muito certo por algumas semanas. Por fim Gretchen perguntou:

– O que é que há com você?

– Como assim, o que é que há?

– Você não é o mesmo. Há muito tempo que não é o mesmo.

– É – disse eu, e revelei o meu artifício, a indiferença fingida para ela não se afastar de mim. Pela primeira vez, que eu me lembre, ela ficou zangada. Depois, propôs um trato

– Seja natural – disse ela. – Eu não vou a lugar algum, pelo menos o resto do verão.

Foi um trato que aceitei depressa. Ela cumpriu a palavra.

Pouco antes de Gretchen partir de novo para Stanford, ela e a irmã deram uma grande festa no lago. Com todos os seus deveres de anfitriã, Gretchen teria pouco tempo para mim, foi o que supus.

Mas no meio da festança, ela me fez sinal para acompanhá-la enquanto corria pelo cais, mergulhava na água fria e começava a nadar para uma plataforma flutuante distante. Fiquei olhando seus braços bronzeados partirem a água com força e graça. Quase me afoguei antes de chegar à plataforma, e ela me ajudou a subir.

Nós dois ficamos ali por muito tempo, mexendo nas ondinhas com os pés e olhando o pessoal na margem. Achei que era uma maneira simpática de reconhecer a nossa amizade diante daquela gente.

Aquelas semanas pareceram douradas, um pouco irreais. Uma vez, quando estávamos dizendo boa-noite, abandonei meu último vestígio de cautela e disse a Gretchen que a amava. Ela sorriu, apenas.

No início de setembro fui para a faculdade em Grand Forks. Gretchen e sua amiga Julie Janecky foram de Crookston até lá de carro e me surpreenderam no quarto, arrastando-me de lá para dançar.

Voltei a Crookston para me despedir dela, quando partia para Stanford, em meados de setembro. Enquanto fazia as malas, distraí-me jogando sinuca na mesa do pai dela. Quando terminou, demos um último passeio pelo pasto dos cavalos da família, no friozi-

nho de setembro. Pensei em como nossas vidas iam divergir totalmente e fiquei triste. Mas, acima de tudo, sentia gratidão pelos dias e divertimento naqueles dois últimos verões.

Gretchen pretendia arranjar trabalho na Califórnia, no verão seguinte. Para ela, a parte séria de sua vida a chamava e eu sabia o que isso significava.

– Adeus – disse eu, à porta da casa dela.

– Não diga adeus – respondeu ela. – Diga até logo.

De volta à escola, encorajado com minha experiência com Gretchen, comecei a sair com uma estudante de Jornalismo. Gretchen apaixonou-se por um jogador de futebol bonito e forte do time de Stanford.

Na tarde do dia 9 de outubro de 1978 liguei para ela na Califórnia para lhe desejar um feliz aniversário de 21 anos. Ela me agradeceu a chamada, mas parecia atrapalhada. Era evidente que estava no meio de uma festa barulhenta. Desliguei depressa.

AS ÚLTIMAS FOLHAS de outono estavam caindo no dia 13 de outubro, mas o céu estava de um azul sem nuvens, o ar fresco e revigorante. As aulas tinham terminado naquele dia. É raro que a felicidade e o contentamento se registrem conscientemente numa pessoa, mas foi assim comigo, naquela manhã.

O telefone tocou no segundo em que entrei no meu quarto. Reconheci a voz de Julie Janecky do outro lado da linha, e meu coração deu um pulo. Julie ia se casar no mês seguinte e tal-

vez Gretchen voltasse a Crookston para o casamento, afinal.

Mas quando ouvi o ruído nada típico e rouco da voz de Julie, senti que Gretchen tinha morrido.

Na véspera, Julie me disse, Gretchen tinha recebido, como presente de aniversário de um colega da faculdade, um passeio num aviãozinho. Pouco depois de decolarem, o avião perdeu o controle e despencou num brejo. Gretchen e o amigo morreram instantaneamente.

– Os pais de Gretchen querem saber se você quer carregar o caixão – disse Julie.

– Seria uma honra – respondi.

A palavra soou estranha no momento em que a pronunciei. *Honra?* É isso que a gente sente quando se ajuda a sepultar um amigo – uma rainha da beleza, inteligente e radiosa, tão promissora? Saí do quarto e fiquei andando a esmo. Disseram-me que procurei um padre do campus, mas hoje, 18 anos depois, não me recordo disso.

Naquela tarde, de volta a Crookston, fui bater à porta do meu treinador de hóquei dos tempos de segundo grau. Ele me levou para dar uma volta de carro. Enquanto conversávamos, achei estranho que as pessoas se preocupassem com coisas tão triviais como comprar comida e encher o tanque de gasolina quando Gretchen Eickhof estava morta.

Como é que a gente sofre? – pensei, intrigado com a ausência de lágrimas.

No sábado à noite, fui à casa dos Eickhof, passando pelo pasto onde eu e Gretchen tínhamos caminhado juntos. A família enlutada me aceitou co-

mo parte de seu grupo. A certa altura a mãe de Gretchen saiu da sala e voltou com uma foto da filha comigo, tirada algumas semanas antes. Eu estava de olhos meio cerrados, o braço de leve em volta dos ombros de Gretchen. Ela estava com um vasto sorriso, os dentes tão brancos em contraste com sua pele morena.

– Gretchen gostava muito de você, Tim – disse a mãe dela.

NA NOITE DEPOIS do funeral, Joel Rood e eu estávamos sentados no Chevrolet dele junto do restaurante onde os amigos de Gretchen, tristes, pretendiam se reunir. Durante o segundo grau, Joel e eu tínhamos sido colegas de equipe e amigos íntimos. Passamos inúmeras noites de sábado passeando pelas estradas do interior, falando de esportes ou do colégio, do amor ou do que os anos depois de Crookston poderiam trazer. Vê-lo agora foi o princípio de meu sofrimento, bem como de meu consolo.

No Vega amarelo, ao falar de Gretchen, a voz de Joel falhou de repente. Aquela vaciladazinha na voz do meu

velho amigo dissolveu o que quer que houvesse entre o meu sofrimento e eu. Minhas torrentes de dor foram desencadeadas.

Na manhã seguinte, Joel e eu acompanhamos a procissão que foi da casa de verão dos Eickhof, à beira do lago, até os bosques próximos. As irmãs de Gretchen se revezaram para carregar a pequena urna que continha suas cinzas. Estava fresco e fazia sol e as folhas caídas farfalhavam no solo.

Chegamos a um vidoeiro solitário, sua magnífica casca branca salientando-se no meio dos bordos castanhos que o cercavam. Muitos anos antes, Gretchen, o pai e a irmã mais moça tinham descoberto a árvore e gravado seus nomes e datas na casca.

Alguém rezou uma oração. O pai de Gretchen colocou a urna na terra embaixo do vidoeiro. Ao alto, o vento sussurrava por entre os galhos recém-despidos.

Fui um dos últimos a partir. Naquele dia, saí dos bosques para um mundo diferente, um mundo adulto, em que as recordações do primeiro amor perduram, mas os verões sempre acabam.



É elementar!

QUANDO UM MERCEDES vermelho conversível reluzente passou por nós, minha filha Kate de 6 anos disse: “Nossa, quando eu crescer vou querer um carro assim.” Perguntei-lhe que tipo de trabalho pensava ter para poder comprar um carro como aquele. “Vou ser professora da segunda série”, respondeu ela.

Expliquei que deveria ter objetivos mais altos, pois o Mercedes é um carro muito caro. “Está bem”, disse. “Vou ser professora da sexta série.”

Lisa Davis, EUA